ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

BRÁS CUBAS E A MODERNIDADE: UM SUJEITO AMBÍGUO EM UMA SOCIEDADE BURGUESA.



ZENE MARIA ELIAS ARANTES VERDUM

PONTES E LACERDA
1999

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG Nº. 5940
Data 03 / 04 / 00

Tese
1998/2

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS
ORIENTAÇÃO: MARIA INÊS PAROLIN ALMEIDA

BRÁS CUBAS E A MODERNIDADE: UM SUJEITO AMBÍGUO EM UMA SOCIEDADE BURGUESA

Ensaio monográfico desenvolvido no Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa e Literaturas do VIII Semestre do Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda.

Pontes e Lacerda (MT)
1999

SUMÁRIO

1. A sociedade moderna

2. Machado de Assis e seu contexto

3. Brás Cubas e as representações sociais

4. Considerações finais

5. Bibliografia

AGRADECIMENTOS

A Deus,
Meu confidente, meu refúgio.

À minha família,
Principalmente pela compreensão.

À Inês,
Quem tornou possível este percurso até a finalização.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

A literatura é sempre uma expedição à verdade.
Franz Kafka

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

A sociedade moderna

Ao concluir o projeto, busquei possibilidades de análise em "Memórias Póstumas de Brás Cubas", de Machado de Assis, com o propósito de ver na personagem de Brás Cubas a maneira pela qual Machado registrou com ironia a decadência do Império com suas instituições e seus padrões culturais

Para retratar o perfil social daquele período, busquei Miguel-Pereira (1973)[1], o embasamento a esta crítica social de Machado. Segundo a autora o escritor fez desse romance uma denúncia social através de Brás Cubas – um homem que tudo tentou e nada realizou – para retratar o modo de viver da sociedade daquela época. Nesse mundo fictício ele descreveu fielmente a submissão dos escravos dentro dos casarões do Rio Imperial, seus homens ambiciosos, gente comum e gente do destino medíocre. Foi por este prisma que Miguel-Pereira focalizou a sociedade daquele período que o autor retratou. Veja:

> "*Apreciar o indivíduo, concomitantemente, em face do universo e da pequena sociedade em que pertencia – foi um dos seus maiores dons,* mostrou as condições sociais que aqui se formou, *nas suas matronas e damas elegantes, nos seus homens ambiciosos, libertinos de corpo e de espírito*".[2]

Diante da construção deste panorama social, Machado fez de Brás Cubas o desmascaramento da sociedade da época, compondo esta personagem como referencial de denúncia irônica e corajosa do que pensava e sentia ao retratar a sociedade brasileira. É através dessa personagem que buscarei caracterizar o perfil do herói da modernidade, que muito se distanciou do herói épico. Sendo assim, retratando a postura do herói moderno, é necessário retomar a visão de mundo, que a epopéia nos oferece e o lugar desses heróis nesse mundo, a fim de contrapô-los. Diante desse pressuposto, buscarei evidenciar através de Brás Cubas a hipótese de ver nessa personagem a personificação da postura do anti-herói. Farei para isso uma reflexão do romance moderno, com o intuito de estabelecer as diferenças, tanto nas mudanças ocorridas na forma de narrar, com também na postura dos heróis diante do mundo que eles vivem.

Defendendo a minha hipótese é possível pensar que a posição que o homem ocupou no passado diante de si e do cosmo é diferente da que ocupa hoje. Busquei então em Paz (1982)[3] minha fundamentação. Paz coloca que o que distingue o homem da Idade Moderna dos seus antepassados teve seu princípio a partir da revolução de Copérnico. Essa revolução mostrou que o homem não era o centro do universo nem o rei da criação, ou seja,

> "*A posição do homem moderno diante de si mesmo é distinta da que assumiu no passado*".[4]

---

[1] PEREIRA, Lucia Miguel. "História da Literatura: prosa e ficção de 1870 a 1920". Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro. 1973, p. 75.
[2] Op. Cit. 1, p. 75.
[3] Paz, Octavio. "O Arco e a Lira". Rio de Janeiro RJ. Editora Nova Fronteira, 1982, p. 268.
[4] Op. Cit. 2, p. 268.

Dando ênfase a esta percepção de Paz, encontrei em Rosenfeld a mesma visão do homem da Idade Média. Segundo este autor, o homem da Idade Média tinha em mente a concepção de que:

> *"A terra é imóvel, fixa no centro do mundo, assim o homem tem uma posição fixa no centro do mundo e não uma posição em face dele, mas no momento em que a, terra começa a mover-se, essa ordem é fadada à dissolução".*[5]

Com essa nova concepção o homem se viu só e destronado, pois a partir dessa atitude passou a renegar a "visão" de mundo que até então para ele era tida como verdade absoluta. Esse novo pensamento e sentimento de vida acabou influenciando a arte em todos os campos, seja na pintura, no teatro e também na literatura. Partindo desse novo princípio, as narrativas mudaram, seus heróis passaram a ter uma nova postura, postura esta cheia de conflitos, pois basta observar nos romances da modernidade, para ver seus autores tentando de alguma forma demonstrar tais conflitos. Isto percebemos quando se tenta introduzir nas narrativas alguns mitos do passado ou elementos bíblicos, como fez Machado de Assis em "Memórias Póstumas de Brás Cubas", que será citado como B.C., no qual com certeza floresceu toda ambigüidade do romance moderno.

Rosenfeld observou que nesta busca ansiosa, a odisséia de século XX tentou renascer, mas ela se perdeu em montagens artificiais, variações de estilos, e ao evocar a unidade mítica revelou ao mesmo tempo, na sua estrutura, a razão dessa procura saudosa.

Com essa transição, o sujeito moderno tem convicção de que o que o distingue do homem da Antigüidade é a sua capacidade de ser livre, ou seja, ter liberdade e consciência como coloca Paz [2]. Veja:

> *"O traço distintivo da Idade Moderna – esta que expira diante de nossos olhos – consiste em fundar o mundo no homem e a pedra, o cimento em que se assenta a fábrica do universo é a consciência".*[6]

Mas vale ressaltar a interrogação de como fundar o homem moderno em liberdade e consciência, se o mesmo nessa fase de transição substituiu o antigo "senhor" pelo "Estado", a "magia" pela técnica", e sua relação com a natureza e com o próximo não é diferente da que mantém com seus bens de consumo. Ora, veja bem, conclui-se com Paz que hoje sim, o homem está só e destronado, isto porque a revolução burguesa, aquela que proclamou seus direitos, hoje os nega em nome da propriedade privada e do dinheiro.

É nesse universo permeado por incertezas, que o homem não consegue dar conta de toda essa fase de transição que o cerca, isto porque tornou-se escravo de sua própria ansiedade ao tentar substituir antigos valores. Hoje ele está paralisado diante de uma realidade construída sem bases sólidas, e ao tentar reencontrar respostas para tantas indagações se vê só, pois está envolto em um universo cheio de respostas prontas, herança do capitalismo, onde tudo pode ser explicado. Nesse mundo desfeito por dúvidas e sem bases sólidas, onde fica nossa liberdade? Nossa consciência?

---

[5] ROSENFELD, Anatol. "Texto e Contexto". Editora Perspectiva. São Paulo SP. 1996, p. 76.
[6] Op. Cit. 2, p. 269.

Para dar contornos mais definidos às idéias acima defendidas, busquei nas palavras de Paz as bases para definir o perfil da revolução moderna que hoje expira diante de nós. Pois segundo ele, a mesma:

> *"Ostenta um traço que a faz única na história: sua impotência para consagrar os princípios em que se fundamenta. Pois, toda revolução é ao mesmo tempo uma profanação e uma consagração".*[7]

Dando ênfase às idéias acima citadas, Rosenfeld acrescentou, pois segundo ele, como consagrar,

> *"Uma época com todos os valores em transição e por isso mesmo incoerentes, uma realidade que deixou de ser um mundo explicado".*[8]

Neste universo amplo e cheio de ambigüidades povoado pelo herói moderno, despido de qualquer liberdade, se comparado com o épico, evidenciar-se em Paz bases para discutir que a Grécia antiga passou por uma longa e criteriosa caminhada religiosa para estabelecer o perfil do herói que melhor lhe representasse no mundo da epopéia. A Grécia, na Antigüidade, teve como base a religião dos deuses (divindades naturais), e dos mortos (senhores em que a comunidade inteira se reconhece). Estas religiões sofreram profundas transformações, pois enquanto o culto aos mortos se enfraquece o dos deuses se fortalece. Dessa fusão nasce o mito, que:

> *"Afasta-se do hino religioso e da prece e, tomando como matéria própria os heróis, converte-se na substância da epopéia".*[9]

É portanto dessa longa caminhada, que culmina com o triunfo da religião olímpica e a derrota do culto aos mortos, que os gregos personificam o modelo de heróis por eles consagrados.

Paz assinala que o poeta grego teve total liberdade de engrandecer seus heróis nos poemas épicos, isto porque eles não eram ferramentas nas mãos de um deus, e sim, tinham seu destino entrelaçado com o destino dos deuses e do cosmo. Esta fusão tem como fundamento toda originalidade da religião grega, uma vez que a mesma é uma livre criação poética, e não especulação de um clero. Essa liberdade proporcionou aos poetas escreverem de forma livre e apaixonada os caminhos pelos quais seus heróis percorriam.

No entanto, já não é por esse prisma que vejo o teatro e o romance moderno, pois os mesmos não contam com a liberdade criadora que os poetas épicos tinham. Ao mesmo tempo em que ele também se alimenta de uma tradição épica, falta-lhe liberdade para tornar-se livre criação poética, pois sua originalidade e criatividade é permeada pelos limites que a Igreja e o Estado lhes impõe.

Para ter essa clareza, basta observar que, nos dramas épicos, os heróis tinham postura digna e questionavam até mesmo sua condição, mas isso não quer dizer que havia

---

[7] Op. Cit. 2, p. 258.
[8] Op. Cit. 3, p. 76.
[9] Op. Cit. 2, p. 242.

ambigüidade alguma em seus questionamentos, uma vez que os mesmos estavam bem plantados em seu mundo, ou seja, não eram heróis duvidosos, isto porque eles tinham consciência de sua condição. Ao contrário, no teatro, encontramos um repertório de respostas prontas, que podiam ser aplicáveis a todas situações humanas, veja como Paz colocou,

> *"Há certas perguntas – aquelas, precisamente, que se referem ao homem e seu lugar no cosmo – que nossos poetas não faziam ou para as quais já tinham prontas as respostas que a teologia católica oferece".*[10]

Em "Antígona", uma tragédia de rara beleza de Sófocles, observei através desta personagem central, a personificação de herói que vem ao encontro da concepção grega. Antígona faz parte de uma lenda na qual Sófocles se inspirou para compor Édipo Rei, este elo tem seu início no momento em que Édipo pressentiu que chegara ao local anunciado pelo oráculo, onde se findariam suas provações. O infeliz herói, ao saber de toda profecia, pede asilo a Teseu, rei de Atenas, com sua filha Antígona. Nesse tempo Ismene junta-se ao pai e sua irmã.

Após a morte de Édipo, Antígona e Ismene retornam a Tebas, onde seus irmãos Etéocles e Polinices disputavam a sucessão do pai ao trono da cidade. Os irmãos haviam chegado a um acordo segundo o qual se revezariam por períodos de um ano, a começar por Etéocles. Mas, transcorrido o primeiro período combinado, Etéocles não quis ceder o lugar ao irmão. Desse acordo não pactuado se desenvolve toda tragédia. Polinices revoltado, muda-se para cidade de Argos e casa-se com a filha do rei Adrasto, que lhe dá apoio a sua idéia de fazer Etéocles entregar o trono pela força das armas. E nessa batalha, os irmãos Polinices e Etéocles tombaram mortos, um pela mão do outro. Nesse momento Creonte, irmão de Jocasta e tio de Antígona, assumiu o poder, e seu primeiro ato, após subir ao trono foi proibir o sepultamento de Polinices, sob pena de morte para quem o tentasse, enquanto ordena funerais de herói para Etéocles. Isto não é aceito por Antígona.

A heroína povoa um mundo que personifica o ideal de herói grego, e este não é diferente do mundo dos homens, pois ela faz parte de um todo vivo, no qual o movimento se chama justiça, ordem e destino. Sua bravura e seus temores caminham juntos, uma vez que o herói épico teme romper a barreira e ferir todo o cosmo.

O tema principal desse drama é o choque do direito natural , defendido pela heroína, com o direito positivo apresentado por Creonte. Nesse aspecto encontramos uma heroína em conflito com o todo que a cerca: de um lado o seu direito natural, de conceber honras fúnebres ao irmão, e do outro a consciência de estar infringindo a autoridade do Estado. Antígona escolhe a piedade, peca contra a lei do Estado para restabelecer o equilíbrio da balança divina, pois como sabemos, diante da concepção grega, o triunfo da religião olímpica, segundo Paz era:

> "O princípio de uma nova sociedade *aristocrática e cavalheiresca, ao qual os poemas homéricos outorgam uma religião, um ideal de vida e uma ética.* Ao tomar sua decisão, a heroína estaria pondo em risco, *a saúde cósmica* ,pois, *a enfermidade ou loucura do herói contagiam todo o universo e põem em perigo o céu e a terra,* isto porque, *cada*

[10] Op. Cit. 2, p. 254.

vez que rompemos a medida, ferimos todo o cosmo. E somente, *pagando sua pena, o homem se reconcilia com um todo.*[11]

Diante de todos esses princípios nos quais estão inseridos os heróis épicos, chego à conclusão de que liberdade e consciência tornam explícito toda a grandeza da mais alta criação poética do homem. Veja então que nada se iguala a audácia com que os poetas trágicos examinaram as convenções mais geralmente aceitas como santas por seu povo. Só na liberdade nasce uma arte cujo tema único é o sacrilégio, como a tragédia, ou a saúde política, como na comédia aristofânica. A ausência de um dogma eclesiástico e de um clero guardião das verdades tradicionais, de um lado, e o clima de democracia ateniense, de outro, explicam a liberdade que os poetas tomaram com o mito heróico. Sendo assim, Antígona também personifica o herói trágico, pois ela levou às últimas conseqüências seus atos: ela fez o que tinha que fazer e morre, isto porque não há saída para o herói trágico, que é repleto de virtudes.

Ora, veja bem, diante dos princípios gregos estabelecidos para os heróis, como situar antagonicamente Brás Cubas como personificação do herói moderno? Temos como modelo uma personagem que tudo tentou e nada realizou. Não alcançou a celebridade do emplasto; não foi ministro; se amou, foi de forma que transgredia os padrões morais e não conheceu o casamento.

Veja como Machado (1998)[12] personificou Brás Cubas: O autor figura uma personagem que surpreendeu até mesmo o mais imperceptivo leitor ao tratar de forma indiferente e irônica o desfecho do grande amor de sua vida. Veja:

"Não a vi partir; mas á hora marcada senti alguma coisa que não era dor nem prazer, uma coisa mista, alívio e saudade, tudo misturado, em iguais doses. E o autor ainda se diverte diante da espectativa do leitor, *Não se irrite o leitor com esta confissão. Eu sei bem que, para titilhar-lhe os nervos da fantasia, devia padecer um grande desespero, derramar algumas lágrimas, e não almoçar. Seria romanesco; mas não seria biográfico. A realidade pura é que almocei, como nos demais dia".*[13]

Que bases sólidas sustentam a consciência desta personagem? Suas idéias são firmes e definidas? Seu universo tem bases sólidas?

O mundo por ele povoado tem como base sólida uma sociedade hipócrita e individualista. Portanto, com todos os valores em transição e com uma realidade que deixou de ser um mundo explicado, é que Machado de Assis fez de Brás Cubas um herói sem ética e sem temores. Partindo então por este prisma, a personagem não pode ser comparada com o mundo que rodeia o herói épico, pois ainda segundo Paz:

"Os *heróis modernos são tão ambíguos quanto a realidade que os sustém,* enquanto que para o épico, *o mundo repousava sobre pilares sólidos, ninguém punha em dúvida as aparências porque ninguém duvidava da realidade".*[14]

---

[11] Op. Cit. 2, p. 265.
[12] ASSIS, Machado de. "Memórias Póstumas de Brás Cubas". Série bom livro 25 ed. São Paulo: Ática, 1998.
[13] Op. Cit. 4, p. 141.
[14] Op. Cit. 2, p. 275.

Ao ter estabelecido as diferenças que fundamentam o herói épico do moderno, é necessário salientar que na forma de narrar essas mudanças também ocorreram profundamente. O poeta moderno sofreu as influências do mundo, da mesma maneira como sofreram as personagens que habitam o seu mundo ficcional. Isto porque o herói da modernidade, de forma bastante remota está distante dos heróis épicos, pois os que figuram hoje são heróis, que, para Paz:

> *"raciocinam e duvidam,* o romance é *épica de heróis duvidosos, dos quais ignoramos se são loucos e prudentes, santos ou demônios. Muitos são céticos, outros francamente anti-sociais, e todos em aberta ou secreta luta contra seu mundo.*[15]

Também percebi que sua ambigüidade e impureza, pois ele está entre a prosa e a poesia, o conceito e o mito, ou seja:

> *ambigüidade e impureza que lhe vêm do fato de ser um gênero épico de uma sociedade fundada na análise e na razão, isto é, na prosa. O romance é uma épica de uma sociedade em luta consigo mesma".*[16]

Em leituras feitas sobre a postura do narrador moderno, observei uma série de mudanças que ocorreram na arte de narrar. Essas observações foram baseadas em uma série de hipóteses, não com a intenção de tê-las como algo definido, mas talvez como suposição para uma análise que seja ao mesmo tempo fecunda, ou que pelo menos desperte uma certa indiscrição em torno do tema.

A primeira hipótese foi elaborada a partir da leitura do ensaio crítico de Benjamin, (1996)[17] que salienta que no romance da modernidade a visão de quem narra,

> *" esses traços aparecem, como um rosto humano ou um corpo de animal aparecem num rochedo, para um observador localizado numa distância apropriada e num ângulo favorável. Uma experiência quase cotidiana nos impõe a exigência dessa distância e desse ângulo de observação. É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção, isto porque, são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente".*[18]

Veja bem, esse trecho sugere como base a supressão da função mediadora do narrador. Esta supressão fez com que o narrador fique em segundo plano. Isso ocorreu com a ascensão do romance psicológico de século passado. Esta nova concepção na arte de narrar

---

[15] Op. Cit. 2, p. 275.
[16] WALTER, Benjamin . "Magia e técnica, arte e política": ensaios sobre literatura e história da cultura, 7 ed. São Paulo – SP. V. 1.
[17] Op. Cit. 5, p. 197.
[18] Op. Cit. 5, p. 197.

deixou a personagem sem foco, sem nitidez, sem contornos firmes e claros, que eram fundamentais em personagens como "Antígona" ou "Édipo", dos romances épicos. Com isso a focalização foi ampliada e estes mecanismos levaram a personagem narrada a uma perda total do seu "caráter". Assim, o herói que passou a povoar as narrativas modernas se tornou modelo individual, pois cada um poderia vê-lo por uma óptica, sendo assim ele se afastou mais da idéia grega de heróis arquétipos e coletivos, suprimindo por completo a idéia de quem narra.

Dessa primeira hipótese abordada, assevero que concordo em parte, quando a relaciono à Machado pois contrapondo a ela, busquei em Gledson (1996)[19] uma maneira ao meu ver mais adequada quanto à função do narrador da modernidade. Nesta reflexão Gledson observou que muitos críticos preocuparam-se em descortinar as obras de Machado de Assis dando maior enfoque se a narrativa era na primeira ou terceira pessoa. Mas para ele estes enfoques são secundários, pois o autor em B.C., de modo inteiramente intencional, perturba seus leitores e até os deixa confusos e perdidos. Veja como isso acontece segundo Gledson.

> *"Embora isso aconteça, de maneira geral, apenas em trechos claramente delimitados, mas costuma manter um tom brincalhão,zombaria, e jamais perde inteiramente de vista a distância olímpica do narrador diante da história que está contando, seja no "outro mundo" de Brás Cubas".*[20]

Vendo então que por este enfoque é possível ver o narrador da modernidade como um narrador onisciente na ficção realista. No caso de B.C., vejo que Machado usou a onisciência com pretensão, pois em nenhum momento o autor abdica inteiramente sua responsabilidade como controlador do significado final.

No entanto, acho válida a perspectiva de Benjamin , sobre a postura do narrador do romance moderno. Ele observou brilhantemente que o narrador da modernidade encontrou na burguesia ascendente os elementos favoráveis a seu florescimento. A narrativa com que hoje nos deparamos tem como base a informação rápida e precisa, com um certo anseio de fazer uma verificação exata do momento vivido, e por ser dessa forma nos chegam permeada de explicações. É portanto daí que se estabelece a diferença. Observe:

> *"Quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo a serviço da informação,* enquanto que na Antigüidade, *o extraordinário e o miraculoso são narrados com maior exatidão,* e o, *contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor,* ele é, *livre para interpretar a história como quiser, e aí se estabelece a diferença,* pois, *o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação".*[21]

Segundo Benjamin o narrador da Antigüidade tinha como base a experiência que passa de pessoa para pessoa como fonte. Nesse universo ele participava da narrativa com base em fatos vividos por ele, ou seja:

---

[19] GLEDSON, John. "Machado de Assis: Ficção e História". Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
[20] Op. Cit. p. 19.
[21] Op. Cit. 5, p. 198.

> *"marca do narrador, como a ação do oleiro na argila do barro.* Sendo assim, ele participava das grandes aventuras e as vivia em toda sua amplitude. E por isso mesmo, *o narrador não está de fato presente entre nós, em sua atualidade viva. Ele é algo distante, e que se distancia ainda mais".*[22]

Foi portanto, por esta abordagem de Benjamin que acatei a perspectiva de ver em Brás Cubas a personificação do herói hoje, pois segundo Schwarz,

> *"Uma vez que quem nos fala é uma voz do além cheia de surpresas e que põe em paródia tudo o que diz".*[23]

Ao fazer todas essas observações em torno do herói épico e do moderno e também em torno das mudanças ocorridas na forma de narrar contemporânea, é que vou caracterizar Brás Cubas como personificação do herói moderno, diante dessa nova visão entre o passado distante e o mundo que se expira hoje diante de nós. Ao ter caracterizado B.C. como personificação de herói moderno diante das observações de Paz, passei também a compactuar com a visão do mesmo em relação ao romance moderno quando li: *"A poesia moderna consagra os heróis, enquanto que o romance moderno, os examina e os nega, até mesmo quando se apieda deles (...) o romance moderno não canta seu nascimento e sim um funeral".* Essa observação feita mostrou-me num todo que na concepção de B.C. estão contidos todos ingredientes possíveis que caracterizam a literatura contemporânea.

[22] Idem.
[23] Op. Cit. 4, p. 08.

Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Machado de Assis e seu contexto

Nessa minha busca, juntamente com a orientadora, selecionamos alguns materiais e procuramos nos deter naqueles que mais nos auxiliassem para a análise. Procuramos então nos registros históricos que datam do final do século XIX e começo do XX. Inicialmente, fiquei um tanto aliviada devido à quantidade de críticas em torno da vida do autor e de suas obras. Mas este primeiro contato feito através de leituras exaustivas, foi de certa forma quebrada, pois ao me aprofundar nelas foi que percebi que algumas não vinham ao encontro dos meus objetivos.

Partindo por este prisma, questionei a visão bastante romântica que muitos críticos têm de Machado de Assis. Percebi nessa minha busca que, em se tratando dele, às vezes é difícil de se desligar de alguns condicionamentos tidos como influenciadores em suas obras como: raça, cor, vida difícil, etc.

Nesse momento cheguei a ficar angustiada, pois o meu propósito de análise em momento algum era esse. Sabendo que a crítica continua fazer uma leitura romântica em torno da obra, vejo a perspectiva de ver na carreira e nas obras desse irônico e cético autor a perspectiva, através da narrativa, o descortinar de um período histórico em transição, onde o autor personificou Brás Cubas na postura de um herói, não para retratar uma classe, mas sim, a nação brasileira.

Portanto, foi com estas leituras exaustivas que vi Machado sendo desvendado lentamente pelas gerações de críticos, que pretendo, no bom sentido, mas embora cheia de pretensões, buscar embasamento nas palavras ditas por Machado, pois o mesmo escreveu o seguinte:

> *"Eu gosto de catar o mínimo e o escondido. Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu, com a curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto".*[24]

Após estas leituras cheguei à conclusão que de Machado de Assis nos deixou sim, uma herança de dúvidas e ambigüidades, em torno de si e de suas obras, e sendo assim, é por este prisma que busquei dar alicerce ao meu projeto de análise: *catando o mínimo e o escondido.*

Para retratar a vida do autor busquei em Faraco (1998)[25], o Rio de Janeiro na época do seu nascimento. Faraco assinala que Machado nasceu na época do Império, em um Rio de Janeiro bem diferente do que conhecemos hoje. A cidade era mal cheirosa, com iluminação a gás e com uma população estimada em 300 mil habitantes, sendo a metade escravos.

No entanto, acredito que era um Rio diferente em parte, pois hoje temos o mesmo problema de transporte e a escravidão de certa forma ainda existe, basta por exemplo observar um dos maiores problemas sociais que hoje é uma realidade cruel, o tráfico de drogas, não seria este um sistema de escravidão da modernidade? Há que se observar no entanto que a escravidão de hoje (capitalista) que é toda amparada por um sistema que beneficia uma pequena parcela da população, age de forma diversa da escravidão do passado. Aquela era

---

[24] Op. Cit. 2, p. 06.
[25] Op. Cit. 4, p. 02 a 30.

dona do escravo até mesmo na velhice e a de hoje os usa e depois os joga fora, como se fosse algo descartável.

Outro aspecto observado por Faraco, foi o mapa socioeconômico do país, segundo ele, era um caos, uma grande confusão, com diferenças regionais profundas em todos os setores. O país era gigante e sua população muito pequena (aproximadamente 7 milhões de habitantes), e dessa pequena população pouquíssimos decidiam.

Ora, veja bem, o país continua um caos, suas diferenças regionais ainda existem e a população aumentou sim, mas de forma desordenada. Quanto às decisões em nada mudou, pois temos um histórico de política social doente, onde as decisões são tomadas de cima para baixo, ou seja, mudou-se a época, mudaram-se os costumes, mas a mentalidade de quem governa permanece estática, e com um agravante a mais, pois hoje com toda certeza nós temos consciência da nossa submissão e mesmo assim continuamos servindo o *sistema*, uma vez que o mesmo nos envolveu de tal forma com sua ideologia dominante que mesmo tendo consciência de que estamos sendo usados continuamos servi-lo. Os problemas sociais são os mesmos, mas com certeza são piores.

É neste panorama social, onde o Brasil era o único país do mundo ocidental que ainda admitia o trabalho sob regime de escravidão, que nasceu Machado de Assis, no dia 21 de junho de 1839, na Chácara do Livramento. Durante boa parte de sua infância ele viveu lá, sob a proteção de sua madrinha, senhora muito rica e dona da propriedade. Sendo assim, ele desde muito cedo estava próximo à classe dominante e com isso convivia com uma classe social diferente da sua.

Mas em 1850, quando era apenas um menino, já havia no ar sinais de mudanças, pois o primeiro passo em relação á Abolição foi concretizado neste ano. Os dados históricos confirmam que este passo se concretizou apenas na teoria, porque na prática extinguiu-se o tráfico externo e intensificou-se o interno, o que acabou gerando este comércio foi a decadência da produção da cana-de-açúcar e o florescimento da lavoura de café no Sul. Então o que ocorreu foi um comércio interno, onde os senhores do engenho vendiam seus escravos para os cafeicultores do Sul.

Foi somente em 1871 que veio a Lei do Ventre Livre e finalmente, em 1888, a Lei Áurea. Com um país em transição, devido à Abolição e também à Guerra do Paraguai, a Monarquia entra em crise. Já havia sinais de República no ar, e isso ocorre no ano seguinte, quando o Exército proclama a República em 1889.

Já adolescente, registros mostram que Machado não pouparia esforços para sair do anonimato do morro e integrar-se à vida intelectual da cidade. É assim de fato que ele começou sua trajetória de escritor. Sem dúvida ele encontrou inúmeras barreiras, pois nasceu em uma sociedade marcada por divisões sociais rígidas, onde o indivíduo já nasce com seu destino social mais ou menos determinado por sua origem, pela raça e até pela possibilidade de freqüentar escolas.

Mas vale ressaltar que esta é uma opinião de Faraco, eu no entanto não creio que o meio seja um fator decisivo e determinante na vida de alguém, ainda mais quando se trata de Machado de Assis.

Para essa divergência em torno das questões sociais, que segundo Faraco determinam o destino do ser humano, encontrei em Gledson, alicerces para defender as hipóteses que acredito serem mais coerentes em torno do tema. Pois para o autor, recorrer às explicações biográficas das obras de Machado, em termos de cor, classe, doença, defeito físico – ou de gênio passaria

> "impressão *de que ainda não tratamos Machado, o pensador, com suficiente seriedade como aquele que foi – um intelecto poderoso e sutil".*[26]

Inicialmente, assinalou Faraco, Machado começou a freqüentar a Rua do Ouvidor, onde as pessoas da classe detentora do poder se encontravam e se divertiam, enquanto isso ele trabalhava de caixeiro de livraria, tipógrafo e revisor. Esta foi portanto a maneira pela qual o menino do subúrbio encontrou para se tornar mais tarde "Machado de Assis", homem consagrado por todos, homem da cidade.

O percurso de Machado foi longo, e uma de suas primeiras publicações foi no jornal "Marmota Fluminense", jornal de notícias, variedades, curiosidades e literatura, onde publicou seu primeiro poema, "A Palmeira". Posterior a este poema, ele se tornou membro da redação e começou a escrever desde então de maneira diferenciada, que o caracterizou como tendo um estilo peculiar recheado de ironia, pois ele conseguia extrair reflexões profundas de fatos corriqueiros, tocando a essência daquilo que observava da sociedade da época.

Encontrei em Candido (1970)[27], uma visão diferente daquelas que geralmente prenderam a imaginação de alguns críticos, pois segundo ele, os sofrimentos pelos quais Machado de Assis passou não foram diferentes aos que sofrem qualquer um, nem sua vida foi também tão árdua assim. Observou também que alguns mestiços, gente de origem humilde, como ele, foram alguns homens representativos no nosso Império.

Vejo então que a inspiração do autor passa longe dessas *especulações corriqueiras* e dentre elas tenho uma certeza, ele se distanciou e muito dos escritores do seu tempo, foi um escritor ousado. Vendo-o por este prisma, observo que aí se estabelece toda a diferença, pois Machado caracterizava em seus romances, através das personagens, como fez em B.C., uma crítica à sociedade do seu tempo, sem o pieguismo e o romantismo tão comum aos outros autores.

Há portanto uma observação feita por Faraco que vem ao encontro do que pretendo que seja uma análise mais satisfatória sobre Machado. Ele observou que em se tratando do escritor, o fato em si tem importância menor. O que interessa é a reflexão que este fato provoca. Faraco buscou aí palavras ditas pelo próprio autor: *eu gosto de catar o mínimo e o escondido.*

Frases como esta muitas viriam depois do célebre escritor, mas no Brasil daquela época era impossível viver só de escrever. Então, vendo a realidade social por este ângulo, Machado intercalou sua genialidade como escritor, e seguiu paralelo a ela uma bem sucedida e respeitada carreira burocrática. Ele foi Oficial de Gabinete de Ministro, Membro do conservatório Dramático, Oficial da Ordem da Rosa, o mais alto grau da carreira: diretor de um orgão público, a Diretoria do Comércio.

O romancista Machado de Assis, segundo Miguel-Pereira , teve duas fases distintas: a primeira, foi muito disfarçadamente de livros autobiográficos. Nesses romances ele abordou com muita cautela e rodeio uma questão que sempre o preocupou: *a luta entre a sociedade e o indivíduos que se quer elevar. A Mão e a Luva, Iaiá Garcia e Casa Velha* são considerados *"romances de sua primeira fase".*

Vejo portanto, ao ler dados históricos sobre Machado de Assis que ele escrevia para poucos, de seu tempo, ou seja, só alguns leitores mais sensíveis eram os que conseguiam captar na íntegra que tipo de denúncia ele queria passar em suas crônicas, pois o mesmo foi taxado de permanecer indiferente aos dramáticos problemas sociais que atropelavam sua época, como por exemplo a escravidão.

---

[26] Op. Cit. 6, p. 24.
[27] CANDIDO, Antonio. "Vários escritos". São Paulo: Duas Cidades, 1970, p. 15 a 20.

No entanto, entre ele e os outros escritores do seu tempo há uma diferença substancial, pois ninguém mais do que ele denunciou e criticou a escravidão, embora tenha feito isso de forma diferente, não aderindo à forma emotiva de como era tratada, e sim, preferindo a análise, a reflexão e a razão, mas nem por isso deixou de denunciar.

Encontrei em Gledson reflexões que vêm ao encontro do que defendi anteriormente, pois segundo ele,

> *"o leitor deve estar alerta para a possibilidade que nem tudo seja o que parece. Podemos estar certos, confiou, para sua própria tranqüilidade, que seus fossem daqueles que não buscam a verdade de forma muito profunda ou diligente – o notável é que se sentisse tão fortemente impelido a arriscar sua reputação. Fez um jogo perigoso, com espantoso sucesso".*[28]

Machado foi uma exceção no Brasil do século XIX e ainda o seria no século XX. O que significa que não seria no mundo. Ele nunca negou que foram decisivas as influências que recebeu, pois as citava com freqüência. Seus autores prediletos foram: Shakespeare, Swift, Sterne, Thackeray, Dickens entre os ingleses, Montaigne, Pascal, Xavier de Maistre e Victor Hugo entre os franceses, Garret entre os portugueses, parecem ter sido os que mais o impressionaram. Observei também que os autores que ele prezava e exaltava não eram os mesmos de seus contemporâneos.

Talvez essa diferença para enxergar a escrita e a visão de mundo dele e dos outros escritores tenha se estabelecido a partir do seu ritmo da vida: enquanto o mesmo estava inserido na vida política e social das classes dominantes, os outros se atrasavam, perdidos na busca do elemento típico, ou seja, buscando no modelos românticos como Chateaubriand, Fenimore, Cooper, Eça de Queiroz e Zola, os naturalistas. Machado no entanto soube, sem desdenhar dos inspiradores românticos de sua mocidade, procurar influências diferentes, mais de acordo com seu feitio, porque o guiava uma autêntica e "superior vocação literária".

Em sua crítica literária, Miguel-Pereira atribui a essa nova fase de Machado, depois dos 40, fase em que segundo ela está "Memórias Póstumas de Brás Cubas", o seu humorismo, à ação exclusiva dos escritores ingleses, principalmente de Sterne, que na sua visão ficou evidente a partir do romance acima citado. Mas a visão de Merquior, no seu ensaio crítico *O romance carnavalesco de Machado* do romance em análise, verifiquei que algumas características não contemplam totalmente a afirmação de Miguel-Pereira.

Segundo Merquior, pelo menos duas características mais ostensivas em "Memórias Póstumas de Brás Cubas" inexistem em Sterne, pois a feição "sardônica" do humorismo Machadiano como:

> *"com suas rabugens de pessimismo, é muito diversa do humorismo essencialmente "simpático" e "sentimental" do Tristam Shandy. O travo angustiante da "galhofa" de Machado falta por completo em Sterne".*[29]

A segunda diferença está centrada na forma da narrativa "fantástica", pois segundo Merquior, Sterne também regurgita excentricidades mas, todas elas se devem, em última

[28] Op. Cit. 6, p. 65.
[29] Op. Cit. 4, p. 4.

análise, às desordenadas perambulações do espírito de Tristam, ao contar sua vida. Sterne queria explorar no romance a teoria da associação de idéias, chave do processo psíquico, daí haver em suas páginas muita fantasia – mas não propriamente o "fantástico". Contrapondo a esta forma de narrativa, a de Machado é decisivamente fantástica, isto é, "inverossímil", a começar pelo fato de o romance ser contado por um defunto autor.

Merquior acrescenta ainda que as influências de outros escritores não o modificaram, e sim acentuaram-lhe traços que já eram peculiares à sua escrita, pois essa "fusão" de humorismo filosófico e fantástico nos permite atinar o verdadeiro gênero do romance, com efeito, Brás Cubas é um representante moderno do gênero cômico fantástico.

Encontrei, no entanto, em Gledson, uma reflexão diferente da observada tanto por Merquior como por Miguel-Pereira, em relação à influência de Sterne nas obras de Machado. Tomei a liberdade de analisar que possivelmente essa divergência se deva ao fato de Gledson não ser um crítico brasileiro, e em decorrência disso ele se afasta de uma possível influência permeada por fatos vividos ou de certa forma tidos como influenciadores pelos críticos acima citados.

Gledson, como um pesquisador entusiasmado das obras de Machado, viu a possível influência de Sterne por um prisma de quem observa de fora para dentro, digamos, sem a brasilidade, e sim, de maneira crítica e racional de quem está envolvido, mas que não se influencia pelo colorido nacional.

Enquanto Merquior e Miguel-Pereira procuraram focalizar o "humor" contido nas obras de Machado, Gledson partiu por analisar o "realismo". Segundo ele, em seu primeiro livro sobre Machado, publicado em inglês: "*The Deceptive Realism of Machado de Assis*" (O realismo enganoso de Machado de Assis) - embora esta seja uma obra destinada a *Dom Casmurro*, dá bases para analisar o "realismo" em "Memórias Póstumas de Brás Cubas".

Segundo Gledson muitos críticos pregam que Machado de Assis era realista, mas para ele, Machado narra em seus romances uma versão da realidade brasileira de um determinado período, seria esta então a extensão do seu realismo, e por isso mesmo enganoso, ou seja:

> "*está oculto do leitor, de maneira que se torna necessário ler nas entrelinhas para entender o romance*".[30]

Para ele, além desse realismo que existe nas obras de Machado de Assis, o qual segundo ele parece muitas vezes superficial, restringindo-se a uma admiração do seu olho para o detalhe, existe uma tendência que percebeu e que fica mais acentuada em suas obras. Esta tendência seria uma forte influência de Sterne (o precursor da ficção do século XX) ou seja, devido a esse predomínio Sterniano ele vê o escritor como um experimentador de narrativas.

Sendo assim, Gledson afirma que a essência de sua divergência com os outros críticos resida nesse aspecto, pois ele admira a ousadia e habilidade técnica de Machado como narrador, e acrescenta que:

> "*é um erro tratá-las como fim em si. Segundo meu ponto de vista, essa experimentação é melhor compreendida como resultado dos seus objetivos realistas; é um veículo para eles, e não algo com propósitos e ímpetos próprios*".[31]

---

[30] Op. Cit. 6, p. 30.
[31] Idem.

Sobre o "Realismo" que permeava as obras de Machado, Miguel-Pereira o vê de forma totalmente diferente de Gledson. Ela apregoa que esse "Realismo", se deva pelas experiências que viveu, mesmo quando ele foi essencialmente criador , não conseguiu se desprender do meio, (raça, vida difícil ...), pois:

> " *Não sabemos com exatidão quais terão sido os que influíram Machado de Assis, mas, a julgar pela sua concepção de homem, devem ter sido em regra penosos.* E acrescenta mais, *é preciso não esquecer que Machado foi, no melhor sentido, um realista, e que tirou as suas figuras quase sempre da sociedade escravocrata e burguesa, da qual, precisamente por não lhe pertencer pelo nascimento e por tê-la mirado como ideal, desvendaria com nitidez as fraquezas".*[32]

No decorrer de minhas leituras, encontrei em Gledson a maneira mais provável e adequada de enfocar o momento histórico pelo qual o Brasil passava na época de Machado de Assis, e a possibilidade desse período ser representado em sua ficção. Observei que este era um momento muito fecundo para um autor tão crítico como ele, e que não faltavam acontecimentos profundamente importantes, como: A Guerra do Paraguai, a Lei do Ventre Livre, a Fundação do Partido Republicano, dentre outros fatores.

Não seria portanto coerente acreditar que estas mudanças ocorreram porque o sistema social era injusto ou desumano, ou que o Imperador temia uma revolta dos escravos, ou da pressão abolicionista por escalões sociais inferiores. Seria mais coerente então assinalar que todos estes aspectos deram a Machado a oportunidade de tratar a crise com sucesso espantoso em seus romances.

Há que se observar a maneira pela qual Machado de Assis se favoreceu do momento histórico para dar as suas narrativas um significado amplo e crítico. Em B.C., podemos associar ao período (1880), com ênfase nas décadas de (1840 e 1850), onde ele focalizou na figura do protagonista, um período que se baseava em um rígido sistema de classes, baseado na escravidão, incapaz de renovação, com um capitalismo superficial, explorador, com raízes no exterior e incapaz de beneficiar a nação em conjunto. É portanto, com a convicção de pactuar em grande parte com as idéias defendidas por Gledson, que pretendo ver na personagem de Brás Cubas, a personificação de um período histórico evidenciado por Machado de Assis nesse romance.

[32] Op. Cit. 1, p. 14.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Brás Cubas e as representações sociais

Ao partir para a análise de B.C., vejo a necessidade de enfatizar que o autor construiu no decorrer de sua vida literária um acervo insuperável diante das correntes literárias do seu tempo. Em B.C., especificamente, percebe-se que ele examinou a precariedade da condição humana e destilou de forma vagarosa e implacável seu fel contra a sociedade e os homens daquele período.

A irreverência contida em B.C. fica evidente desde as primeiras páginas, uma vez que Brás Cubas deixa claro seu descompromisso com "o mundo dos vivos". Nesse mundo fictício, elaborado a partir de uma crítica social do período histórico, espera-se que a personagem seja uma alma rara que se opõe ao ambiente social e a sua época, mas contrapondo a essa espectativa encontramos uma personagem cheia de vícios e ambições tão comuns à classe dominante que ela desvelou.

No entanto, ao ler nas entrelinhas é possível perceber que o propósito de Machado de Assis foi realmente fazer da personagem o alvo principal de sua sátira, e este não poderia de forma alguma personificar o tipo social que não tivesse interesses comuns à classe que o autor queria retratar. Foi com essa possibilidade de interpretação que encontrei em Schwarz idéias que pactuaram com as minhas. Veja:

> *"Machado tomava um rumo perverso e desnorteante. Camuflado pela primeira pessoa do singular, que a ninguém ocorreria usar em prejuízo próprio e com propósito infame, a imitação ferina dos comportamentos da elite criava um quadro de alta mistificação: cabe ao leitor descobrir que não está diante de um exemplo de auto-exame e requintada franqueza, mas de uma denúncia devastadora."*[33]

Com propósito de analisar B.C., percebi diante das leituras exaustivas que fiz, que o autor desde o primeiro capítulo abusou deliberadamente das influências estrangeiras que muito prezou e que nunca negou. Através de um profundo conhecimento bíblico, que suponho teria, ele comparou seu nascimento com algo grandioso – as Escrituras Sagradas. É provável que para alguns leitores menos atentos, essa comparação possa perfeitamente parecer uma profanação ao Livro Sagrado. Mas não foi com esse propósito que vi essa narrativa. Vejo que essa entrada triunfal foi decisiva para o autor dizer em grande estilo o que seria para ele a narrativa de B.C. , ou melhor com que profundidade seriam por ele retratados os homens, com suas ambições e suas ilusões. Diante dessa observação encontrei em Schwarz, algo parecido com minha interpretação.

> *"Longe de ser presunçoso, o paralelo com as Escrituras é fruto de outro sentimento muito mais inconfessável: trata-se da satisfação maligna de rebaixar e vexar, de anunciar que os desplantes do narrador não vão se deter diante de nada, que não ficará pedra sobre*

[33] Op. Cit. 7, p. 178.

pedra, o que para ele constitui uma superioridade ou inferioridade, não se sabe bem."[34]

Para evidenciar o que afirmei sobre as influências estrangeiras e o conhecimento bíblico do autor, busquei no VII capítulo, *O Delírio*, com que facilidade ele permeou sua obra com características próprias do romance moderno, buscando na epopéia e na Bíblia argumentos para elevar sua personagem e compará-la como algo superior, diferente dos demais mortais. Veja:

"- *Engana-se, replicou o animal, nós vamos à origem dos séculos. Insinuei que deveria ser muitíssimo longe; mas o hipopótamo não me entendeu ou não me ouviu, se é que não fingiu uma dessas coisas; e, perguntando-lhe, visto que ele falava, se era descendente do cavalo de Aquiles ou da asna de Balaão, retorquiu-me com um gesto peculiar a estes dois quadrúpedes: abanou as orelhas. Pela minha parte fechei os olhos e deixei-me ir à ventura*".[35]

Em se tratando do narrador, quase nada se pode afirmar, mas com certeza nos primeiros capítulos ele foi objetivo usando como artifício o seu descompromisso com o mundo dos vivos para uma ampla e profunda crítica social. Para essa possibilidade de interpretação busquei em Gledson argumentos que compactuassem com os meus, quando li:

"O espírito irreverente das Memórias, e sobretudo a disposição para o estrago, até hoje confundem. O próprio Brás Cubas glosa este seu tom, e o atribui ao descompromisso dos defuntos. Mas na morte, que diferença! Que desabafo! Que liberdade! (...) Senhores vivos, não há nada tão incomensurável como o desdém dos finados".[36]

Ao deixar claro o seu "descompromisso com o mundo dos vivos", o autor vai ainda mais longe e fala com o leitor, mas já lá da eternidade. *Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas Memórias Póstumas.* Schwarz diz que a crítica tratou essa faceta de Machado de Assis, que permeia a narrativa do começo ao fim, como um traço psicológico do autor, deficiência narrativa, superioridade de espírito, empréstimo inglês ou metalinguagem, enfatizando que nada disso estaria errado. Também acredito nessa possibilidade de interpretação, mas acredito mais ainda na possibilidade de auto-afirmação do autor ao observar que: provavelmente nem todos que viviam aquele período histórico perceberam as diferenças gritantes que tinham se estabelecido na sociedade ou queriam negá-las em benefício próprio. E por isso mesmo ele chamou atenção e deu total liberdade ao leitor para saltar o capítulo se o achasse demasiadamente chato demais. Veja algumas dessas pérolas no capítulo IV ,"A Idéia Fixa":

[34] Op. Cit. 7, p. 21.
[35] Op. Cit. 4, p. 25.
[36] Op. Cit. 6, p. 57.

> *"A minha idéia, depois de tantas cabriolas, constituíra-se idéia fixa. Deus te livre, leitor, de uma idéia fixa; antes um argueiro, antes uma trave no olho. Vê o Cavour; foi a idéia fixa da unidade italiana que o matou". (...) "Veja o leitor a comparação que melhor lhe quadrar, veja-a e não esteja daí a torcer-me o nariz, só porque ainda não chegamos à parte narrativa destas memórias. Lá iremos. Creio que prefere a anedota à reflexão como os outros leitores, seus confrades, e acho que faz muito bem." (...) "Vamos lá; retifique o seu nariz retifique o seu nariz, e tornemos ao emplasto. Deixemos a história com seus caprichos de dama elegante. Nenhum de nós pelejou a batalha de Salamina, nenhum escreveu a confissão de Augsburgo; pela minha parte, se alguma vez me lembro de Cromwell, é só pela idéia de que Sua Alteza, com a mesma mão que trancara o parlamento, teria imposto aos ingleses o emplasto Brás Cubas".*[37]

Nos primeiros capítulos o narrador foi taxativo com o leitor, isso fica claro porque no decorrer da leitura é impossível não parar para fazer reflexões profundas do que se está lendo. Ele instiga a todo momento quando argumenta: "*creio que prefere a anedota à reflexão, como os outros leitores*", essa fala com o leitor já o deixa perturbado e cria entre ele e o narrador uma intimidade, um elo do começo ao final de cada capítulo, isso faz com que mesmo estando distante do autor ele comece a pactuar dos mesmos anseios que afligiam toda uma nação e somente "com a voz do além" esse desabafo deixa de ser único e se torna um desabafo coletivo, como observou Merquior:

> *"O tom cáustico do livro afastava muito dos exemplos nacionais de idealização romântica, enquanto seu humorismo ziguezagueante, a sua estrutura insólita impediam qualquer identificação com os modelos naturalistas. Como adverte o "autor", o falecido Brás Cubas, trata-se de uma "obra difusa", escrita "com a pena da galhofa e a tinta da melancolia".*[38]

Defendendo a hipótese que abordei no projeto de pesquisa, de que a posição que o homem ocupou no passado em muito se difere da que ocupa hoje, partirei para a análise de B.C. não a fim de contrapô-la com o homem moderno, e sim, traçarei o perfil da personagem de Brás Cubas, a partir da representação do homem da modernidade, com o intuito de colocá-los num mesmo patamar, tanto de postura em relação ao mundo, como também em relação aos outros sujeitos e as possíveis desilusões que permeiam o mundo moderno, evidenciando sempre que para mim B.C. caracteriza e representa esse homem da modernidade.

Essa obra deixa claro que o sujeito não via mais o mundo e os homens com os mesmos olhos de antes. A realidade que fica explícita é de um mundo onde antigos valores são substituídos por outros, e aproveitando dessa instabilidade humana há a perspectiva de mostrar a realidade burguesa de forma crítica e mal humorada.

Nos primeiros capítulos de B.C., o narrador-personagem deixa claro que do seu nascimento até a morte ele viveu em um mundo privilegiado. Cheguei a essa conclusão ao observar a grandiosidade que ele atribuiu ao seu nascimento. *Naquele dia, a árvore dos Cubas brotou uma graciosa flor.* Em seu leito de morte não foi diferente, pois ele sugeriu que

---

[37] Op. Cit. 4, p. 20 e 21.
[38] Op. Cit. 4, p. 3.

até a própria natureza chorava a perda irreparável daquele ilustre homem. Defendendo a hipótese de que é preciso ler Machado de Assis desconfiadamente, parto do princípio de que na verdade ele queria dizer que os homens, muitas vezes, atribuem a eles mesmos uma importância maior do que deviam. Veja a maneira pretensiosa com que ele descreveu seu adeus.

> *"Vós, que conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que tem honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isso é a dor crua e má que lhe rói à natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado".*[39]

Se nos primeiros capítulos o autor já dava uma vasta idéia do que seria para ele contar suas "Memórias Póstumas", no VII capítulo "O Delírio", ele faz uma viagem à "origens dos séculos", e filosoficamente retrata o flagelos e as delícias humanas no decorrer da história da humanidade. Nesse encadeamento de idéias e na sua condição de defunto, o narrador-persomagem faz um passeio cheio de ambigüidades. Merquior observou que:

> *"O célebre delírio do autor-personagem, no capítulo VII, é a chave da filosofia das Memórias póstumas. Agonizante, Brás Cubas sonha que, montado num hipopótamo, cavalga rumo à "origem dos séculos", até que uma vasta figura de mulher, Natureza ou Pandora, arrebatando-o ao alto de uma montanha, o faz contemplar o cortejo das épocas. O desfile dos séculos é um espetáculo "acerbo"; o homem, presa das paixões, é um rebelde inútil, para quem mesmo o prazer é "uma obra bastarda".*[40]

Neste capítulo Natureza ou Pandora levou Brás Cubas a relatar seu próprio delírio, diante da contemplação a personagem viu sendo desvelada com a rapidez violenta a redução dos séculos. Nesse turbilhão de imagens a personagem viu:

> *"um desfilar de todas as raças, todas as paixões, o tumulto dos impérios, a guerra dos apetites e dos ódios, a destruição recíproca dos seres e das coisas". (...) "Os séculos desfilavam num turbilhão, e, não obstante, porque os olhos do delírio são outros, eu via tudo o que passava diante de mim, - flagelos e delícias, - desde essa coisa que se chama glória até essa outra que se chama miséria, e via o amor multiplicando a miséria, e via a miséria agravando a debilidade. Aí vinham a cobiça que devora, a cólera que inflama, a inveja que baba, e a enxada e a pena, úmidas de suor, e a ambição, a*

[39] Op. Cit. 4, p. 17.
[40] Op. Cit. 4, p. 5.

fome, a vaidade, a melancolia, a riqueza, o amor, e todos agitavam o homem, como um chocalho, até destruí-lo, como um farrapo".[41]

Nesta citação o autor mostrou que os homens, desde sua origem, encenavam sua história num palco onde o poder, a ambição e a glória convivem pacificamente com a destruição e a desilusão. Ao ler este capítulo, vi desfilar em minha mente a alegoria das vaidades humanas, foi um contemplar mudo, pois as relações que Machado de Assis fez da origem dos séculos estão tão próximos de nós.

Foi por um ângulo ideológico que o autor nos presenteou com seu pensamento relativista de que o passado e o presente da humanidade se confundem e se misturam; mudam os séculos, mudam os valores, mas caminhamos em círculo, como se fosse um círculo vicioso. Isso fica evidente no final do capítulo, quando termina o delírio da personagem. Veja:

"Cada século trazia a sua porção de sombra e de luz, de apatia e de combate, de verdade e de erro e o seu cortejo de sistemas, de idéias novas, de novas ilusões; em cada um deles rebentavam as verduras de uma primavera, e amareleciam depois, para remoçar mais tarde".
"Meu olhar, enfarado e distraído, viu enfim chegar o século presente, e atrás dele os futuros. Aquele vinha ágil, destro, vibrante, cheio de si, um pouco difuso, audaz, sabedor, mas ao cabo tão miserável como os primeiros, e assim passou e assim passaram os outros, com a mesma rapidez e igual monotonia".[42]

A personagem Brás Cubas, no capítulo "I Óbito do Autor", narrou de forma nobre e ilusória seu próprio nascimento, no capítulo "III Genealogia", também não foi diferente, pois os valores sociais que seu pai prezava descartavam a possibilidade concreta de sua descendência e com isso as bases sociais da família "Cubas", mesmo que de forma ilusória, passaram a pertencer ao padrão exigido pelas elites escravocratas de oitocentos.

Ao se referir ao primeiro descendente de sua família, Damião Cubas, observei que de forma intencional, como é toda obra, que a personagem mencionada serve simplesmente como pano de fundo para uma possível grandeza que Brás Cubas daria a sua descendência. Segundo o narrador, Damião Cubas foi:

"tanoeiro de ofício, natural do Rio de Janeiro, onde teria morrido na penúria e na obscuridade, se somente exercesse a tanoaria. Mas não; fez-se lavrador, plantou, colheu, permutou o seu produto por boas e honradas patacas, até que morreu, deixando grosso cabedal a um filho, o licenciado Luís Cubas. Neste rapaz é que verdadeiramente começa a série de meus avós – dos avós que a minha família sempre confessou – porque o Damião Cubas era afinal de contas um tanoeiro, e talvez mau tanoeiro, ao passo que Luís Cubas estudou em

[41] Op. Cit. 4, p. 25.
[42] Op. Cit. 4, p. 28.

Coimbra, primou no Estado, e foi um dos amigos particulares do vice-rei conde da Cunha".[43]

Dessa forma fica evidente a representação do sujeito moderno que perdura até nossos dias, pois os mesmos valem mais por aquilo que representam. E sendo assim, prisioneiros de sua própria ambição. Veja o tom sutil com que a personagem narrou a forma pela qual seu pai descartou por completo uma tradição familiar, a de ser tanoeiro, que ao seu ver era uma profissão que não lhe daria prestígio e ascensão social, e também como lhe deu um nome ilustre, descartando assim uma possível descendência modesta.

"Meu pai era um homem de imaginação; escapou à tanoaria nas asas de um calembour. Era um bom caráter, meu pai, varão digno e leal como poucos. Tinha, é verdade, uns fumos de pacholice; mas quem não é um pouco pachola nesse mundo? Releva notar que ele não recorreu à inventiva senão depois de experimentar a falsificação; primeiramente, entroncou-se na família daquele famoso homônimo, o capitão-mor, Brás Cubas, que fundou a vila de São Vicente, onde morreu em 1592, e por esse motivo é que me deu o nome de Brás. Opôs-se-lhe, porém, a família do capitão-mor, e foi então que ele imaginou as trezentas cubas mouriscas."[44]

É em alto estilo que Brás Cubas relata seu nascimento, o próprio título do capítulo dá noção de grandiosidade, veja bem: "X Naquele Dia". Isso sugere que não era um dia qualquer. "N*aquele dia, a árvore dos Cubas brotou uma grandiosa flor",* sugere-me portanto, um dia ensolarado, que pode ser na primavera, quando as flores desabrocham e perfumam o ambiente. Portanto, é com espírito irreverente que o autor-personagem passa a relatar sua entrada triunfal nesse mundo.

Um dos estilos machadianos que ficou evidente em B.C. foi a sua volubilidade, observei nesse capítulo que ao mesmo tempo em que eleva seu nascimento, diferenciando dos demais mortais, ele o diminui e faz rir o leitor ao demonstrar tanta ambigüidade. Veja como Schwarz abordou esta característica tão peculiar do autor:

"O escândalo das Memórias está em sujeitar a civilização moderna à volubilidade. Os assuntos podem ser os mais diversos, mas o efeito da prosa é este. Insistimos na oscilação valorativa que resulta daí, sobretudo na conversão da supremacia em diminuição. Não custa lembrar também a virada contrária: por exemplo, se a prosa volúvel faz rir o leitor, pelo que sugere de incapacidade para esforços longos ou satisfações diferidas, ela faz rir igualmente dos próprios esforços longos, já que, em contraste com eles, a volubilidade ao menos busca e obtém satisfação a todo momento, ainda que imaginária. Rimos aqui nada menos que das aquisições do Ocidente moderno."[45]

[43] Op. Cit. 4, p. 19 e 20.
[44] Op. Cit. 4, p. 21.
[45] Op. Cit. 7, p. 54.

Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Diante das observações acima, percebe-se nitidamente que o autor de B.C. impregnou sua obra com essa característica do romance moderno, ou seja, destilou seu humor e ironia em doses certas para deixar o leitor sempre alerta para a possibilidade de estar lendo algo volúvel. Nesse aspecto, ao mesmo tempo em que enobrece seu nascimento, o satiriza. Isso de certa forma pode deixar o leitor mesmo atento diante de um grande conflito. Veja:

> *"Lavado e enfaixado, fui logo sendo o herói da nossa casa. Cada qual prognostica a meu respeito o que mais lhe quadrava o sabor. Meu tio João, o antigo oficial da infantaria, achava-me um certo olhar de Bonaparte, coisa que meu pai não pôde ouvir sem náuseas; meu tio Ildefonso, então simples padre, farejava-me cônego. – Cônego é o que ele há de ser, e não digo mais por não parecer orgulhoso; mas não me admiraria nada se Deus o destinasse a um bispado... É verdade, um bispado; não é coisa impossível".*[46]

Nessa citação ficou evidenciado que os valores que o homem moderno preza são de certa forma imutáveis, uma vez que ou se nasce nobre, ou se faz nobre. O narrador vai de forma sutil descrevendo seu desabrochar, sempre deixando uma fenda para o ceticismo. Estaria ele criticando toda pompa destinada há um acontecimento tão natural, como é o ato de nascer, ou de certa forma deixando claro sua superioridade de nascer em um berço tão nobre, ou que se fez nobre. Schwarz analisou essa inconstância ao fazer a seguinte observação:

> *"Volubilidade, em abstrato, é o oposto de constância. Neste plano acaciano ela não é boa nem má, pois os homens podem ser felizes e infelizes sendo constantes ou volúveis, e nunca são uma coisa só. O volúvel Brás Cubas entretanto desde a primeira linha do romance vai sentar-se no banco dos réus, verdade que para rir do leitor."*[47]

Diante dessa observação feita acima, e também da minha perspectiva de análise, vejo que a função do narrador é somente uma: fazer com que os homens daquele período histórico percebessem ou no mínimo refletissem sobre a sociedade injusta e desumana. Sendo assim, vejo muita semelhança entre a denúncia contida em B.C. com nossa atualidade. Isso porque a todo momento não dá para não fazer uma profunda reflexão do mundo moderno, uma vez que o mesmo continua com os mesmos vícios e atitudes narradas por Machado de Assis, no século passado. Não dá para separar o antes e o depois, não seria até mesmo um exagero dizer que a realidade tão criticada anteriormente não seja o espelho dessa vivida por nós hoje.

Essa reflexão é passível de veracidade porque nós, enquanto sujeitos e representantes do momento histórico vivido, conclamamos e pactuamos dos mesmos anseios, mas estes não se concretizaram na prática, isso porque nos falta na verdade a tão sonhada *liberdade e consciência* em nossas atitudes, que tanto propagamos como marco definitivo entre o homem da moderno e o da Antigüidade.

Vale acrescentar que o batismo daquela alma tão nobre teve também uma extrema importância

---

[46] Op. Cit. 4, p. 31.
[47] Op. Cit. 7, p. 55.

> *" não posso dizer nada do meu batizado, porque nada me referiram a tal respeito, a não ser que foi uma das mais galhardas festas do ano seguinte, 1806; batizei-me na igreja de São Domingos, uma Terça-feira de março, dia claro, luminoso e puro, sendo padrinhos o Coronel Rodrigues de Matos e sua senhora. Um e outro descendiam de velhas famílias do norte e honravam deveras o sangue que lhes corria nas veias, outrora derramado na guerra contra a Holanda".*[48]

Diante desse quadro, fica evidente que tanto naquele período narrado pelo autor quanto hoje, é comum tentar de certa forma mudar a realidade que nos rodeia, pois tentamos justamente nos aproximar mais daquilo que está distante de nós, e com essas atitudes pretendemos valorizar mais diante do meio social em que estamos inseridos, com isso nosso mundo se torna ambíguo e muitas vezes sem nexo.

Todas essas abordagens feitas por Machado de Assis ao analisar a sociedade daquele período foi feita com total liberdade, liberdade essa possível por se tratar de um romance que retratava a realidade, uma vez que assim ele podia satirizar os vícios e atitudes dos homens da modernidade sem sofrer qualquer tipo de punição, isto porque segundo Schwarz:

> *"O espírito irreverente da Memórias, e sobretudo a disposição para o estrago, até hoje confundem. O próprio Brás Cubas glosa este tom, e o atribui ao descompromisso dos defuntos. "Mas na morte, que diferença! Que dasabafo! Que liberdade! (...) Senhores vivos, não há nada tão incomensurável como o desdém dos finados".* [49]

Mas também pode-se perfeitamente concluir que mesmo a personagem, vestindo essa roupagem de defunto para destratar a sociedade, em um dado momento de sua narrativa parece saudosa do mundo dos vivos, isso porque ela se torna tão mesquinho, e ao mesmo tempo também bastante envolvida com as questões sociais do mundo dos vivos. Isso ficou evidente porque:

> *"A comédia está justamente nas paixões terrenas do vivíssimo defunto".*[50]

A vida da personagem foi sendo permeada pelas facilidades que o meio lhe proporcionava, sendo assim todas as suas atitudes, por mais cruéis que fossem, sempre eram amparadas pelo seu pai e protetor. Em algumas passagens da obra ele relata com ironia todas as maldades por ele proferidas aos que pertenciam ao seu meio.

> *"Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e, com certeza, as magnólias são menos inquietas do que*

[48] Op.. Cit. 4, p. 32.
[49] Op. Cit. 7, p. 57.
[50] Op. Cit. 7, p. 58.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

eu era na minha infância. Um poeta dizia que o menino é pai do homem. Se isto é verdade, vejamos alguns lineamentos do menino."

Dando continuidade ele narra alguns episódios repletos de maldades que ele fez na sua infância. É com naturalidade que ele os descreve:

"Desde os cinco anos merecera a alcunha de "menino diabo"; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito com a travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce "por pirraça"; e eu tinha apenas seis anos".

Veja também o episódio com o escravo Prudêncio.

"Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, - algumas vezes gemendo – mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um – "ai, nhonhô!"- ao que eu retorquia: - "Cala a boca, besta!". Mas seu pai tinha-lhe grande admiração e simplesmente às vezes o repreendia, *"à vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos".*[51] (obs. As três citações são da p. 32 e 33)

Foi dessa forma que Machado de Assis narrou o nascimento da personagem, seu batizado, suas crueldades com os escravos, e o ambiente sempre protetor de sua infância. Ao analisar a primeira infância do narrador, chegamos imediatamente à conclusão de que estas vantagens ou facilidades permitidas ao "pequeno herói", foram uma maneira de dizer sem meias palavras que esse era o ambiente da classe burguesa dos oitocentos. Era um mundo permeado por vantagens, onde as situações de escravidão eram tidas como normais, sem levar em consideração o direito de igualdade entre os homens.

A vida desse brasileiro rico e desocupado, na juventude, também não foi privada de privilégios, e estes permitidos somente à classe aristocrática à qual pertencia, de sua história de vida estão ausentes qualquer tipo de trabalho ou qualquer forma de um projeto de vida consistente. De seus estudos em Coimbra não trouxe um grande futuro, aquele esperado por seu pai e que lhe permitiria levar todas as vantagens de uma posição superior. Esse grande futuro, na visão da personagem, constituía-se de um horizonte misterioso e vago:

"E foi assim que desembarquei em Lisboa e segui para Coimbra. A Universidade esperava-me com suas matérias árduas; estudei-as

[51] Op. Cit. 4, p. 32 e 33.

muito mediocremente, e nem por isso perdi o grau de bacharel; deram-mo com a solenidade do estilo, após os anos da lei; uma bela festa que me encheu de orgulho e de saudades, - principalmente de saudades".[52]

Nesses anos de folia em Portugal ele trouxe somente a "casca", a "ornamentação". Ele pegou um pouquinho de filosofia, da ciência, e da política. Estas filosofias de vida foram indispensáveis, segundo Schwarz, à fisionomia da personagem, que não seria ela mesma se não ambicionasse glória, fortuna, saber e um ministério. Dessa forma, a personagem caracterizou a personificação dos anseios da burguesia que sempre luta por objetivos individuais e não coletivos.

Fica evidente nessa narrativa que uma das características do romance da modernidade é a individualidade e sendo por este enfoque também pode-se perfeitamente caracterizar o homem hoje. Este projeto individual de sentimento e pensamento de vida é uma rotina na narrativa de B.C.:

"Explico-me: o diploma era uma carta de alforria; se me dava liberdade, dava-me responsabilidade. Guardei-o, deixei as margens do Mondego, e vim por ali fora assaz desconsolado, mas sentindo já uns ímpetos, uma curiosidade, um desejo de acotovelar os outros, de influir, de gozar, de viver, - de prolongas a Universidade pela vida adiante...". "Não digo que a Universidade não me tivesse ensinado alguma; mas eu decorei-lhe só as fórmulas, o vocabulário, o esqueleto. Tratei-a como tratei o latim: embolsei três versos de Virgílio, dois de Horácio, uma dúzia de locuções morais e políticas, para as despesas da conversação. Tratei-os como tratei a história e a jurisprudência. Colhi de todas as coisas a fraseologia, a casca, a ornamentação...".[53]

Em relação às outras personagens contidas no romance, fica óbvio e notável que estas foram inseridas na narrativa para dar vida ao protagonista. Essa relação entre as personagens e o protagonista trouxe à cena algumas que caracterizaram perfeitamente a sociedade daquela época. Observe que todos eram de certa forma usados para servir de suporte para que a crítica social machadiana pudesse percorrer com liberdade todas as classes sociais. Essa possibilidade ficou caracterizada pelos tipos sociais que fizeram parte da narrativa. Fazem parte desse conjunto: os escravos, seus traficantes, os políticos, os coronéis e as mulheres.

As últimas ele sempre usou-as em benefício próprio: a primeira, sua mãe, que segundo o narrador era *"uma senhora fraca, de pouco cérebro e muito coração, assaz crédula, sinceramente piedosa, - caseira, apesar de bonita, e modesta, apesar de abastada; temente às trovoadas do marido".*

Dentre as outras estão aquelas que ele amou, como Virgília. A visão que ele tinha desta não era muito diferente da que tinha de sua mãe. *"Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno, que o indivíduo passa para outro indivíduo. Era isto Virgília, e era clara, muito clara, faceira, ignorante, pueril, cheia de uns*

[52] Op. Cit. 4, p. 51 e 52.
[53] Op. Cit. 4, p. 51 e 55.

ímpetos misteriosos; muita preguiça e alguma devoção, - devoção, ou talvez medo; creio medo".[54]

Mesmo tendo por Virgília um sentimento diferenciado ou talvez mais duradouro, ele não a poupou de sua ironia.

De todas as mulheres que passaram pela vida do narrador, Eugênia, segundo Schwarz, talvez tivesse sido o melhor sentimento da vida da personagem. Eugênia. No entanto esta seria mais uma das muitas pessoas que ele tentaria usar em benefício próprio. Ele destratava todas sem exceção, em seus pensamentos sempre vinha o episódio do capítulo "XXX A Flor da Moita". Este capítulo se refere ao nascimento nada convencional de Eugênia. E o que mais prendia sua atenção era o defeito físico com o qual ela nascera.

> *"O pior é que era coxa. Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhorial; e coxa! Esse contraste faria suspeitar que a natureza é às vezes um imenso escárnio. Porque bonita, se coxa? Porque coxa, se bonita?"* [55]

Talvez Marcela e Dona Plácida tenham sido de verdade o verdadeiro alvo de sua mais cruel ironia. A primeira, foi o seu despertar para a mocidade, para os prazeres e também para uma renúncia cruel. Foi por causa dessa grande paixão juvenil que o pai do narrador resolveu de certa forma tentar mudar a trajetória de sua vida. Ele queria e investiu muito na vida promissora do "filho prodígio". O narrador fala de um amor juvenil e puro, da beleza de Marcela e de seus sonhos . Ele a via assim:

> *"A que me cativou foi uma dama espanhola, Marcela, ... Era filha de um hortelão das Astúrias; disse-mo ela mesma, num dia de sinceridade, porque a opinião aceita é que nascera de um letrado de Madri, vítima da invasão francesa, ferido, encarcerado, espingardeado, quando ela tinha doze anos. Cosas de España".*[56]

Desse belo sentimento juvenil só restaram as lembranças, pois a bela Marcela também tinha lá seus sonhos mais altos, ela também fazia parte de uma sociedade capitalista, e seu amor por Brás Cubas durou o suficiente, ou seja, enquanto foi conveniente.

> *"... Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos. Meu pai, logo que teve aragem dos onze contos, sobressaltou-se deveras; achou que o caso excedia as raias de um capricho juvenil".*[57]

Todos os episódios narrados foram tendo um percurso que atende e compactua com o pensamento burguês. Se Marcela usou a ingenuidade do narrador em benefício próprio, ao final ela pagou de forma cruel. Isso evidencia de certa forma que a personagem de B.C. retratou fielmente o pensamento ou filosofia de vida que permeia o pensamento capitalista.

---

[54] Op. Cit. 4, p. 33 e 59.
[55] Op. Cit. 4, p. 65.
[56] Op. Cit. 4, p. 40.
[57] Op. Cit. 4, p. 44.

Sendo ela fruto de uma classe menos favorecida, estaria de certa forma sofrendo as influências do meio. E sendo o narrador-personagem de uma classe privilegiada , seu futuro era promissor. Isso ficou caracterizado no capítulo XXXVLLL "A Quarta Edição". Veja o que a vida reservou para Marcela:

> *"Ao fundo, por trás do balcão, estava sentada uma mulher, cujo rosto amarelo e bexiguento não se destacava logo, à primeira vista; mas logo que se destacava era um espetáculo curioso. Não podia ter sido feia; ao contrário, via-se que fora bonita, e não pouco bonita; mas a doença e uma velhice precoce destruíram-lhe a flor das graças. As bexigas tinham sido terríveis; os sinais, grandes e muitos, faziam saliências e encarnas, declives e eclives, e davam uma sensação de lixa grossa, enormemente grossa".* [58]

Como é sabido, o período onde Machado de Assis situou B.C. era uma época em que o país passava por profundas transformações de emancipação política. Essa fase de transição foi propícia para que algumas idéias liberais florescessem. Verifiquei então, através dos ensaios críticos que li para a composição deste, que essas conquistas liberais não passavam de fachada, uma vez que eram em grupos fechados que realmente tomavam decisões por uma nação inteira.

É por este prisma, comparando o momento vivido historicamente, que em B.C. Machado de Assis personificou o protagonista como referencial de denúncia da política nacional.

Essa relação entre ficção e momento histórico ficou escandalosamente retratada em B.C. Essas observações se tornaram possíveis quando percebi as fortes características burguesas que demonstravam ter o pai da personagem-narradora. Coube ao pai de Brás Cubas a função mediadora de "arrumar" a vida do filho que tanto protegia. Ele usou todas as maneiras possíveis para lançar o filho no cenário político. Nessa busca ansiosa, ele viu em um casamento o meio mais fácil e viável para essa ascensão. Essa possibilidade de análise ficou ainda mais clara quando encontrei em vários capítulos situações que pactuaram com as minhas observações. No capítulo XXVIII "Contanto que...", seu pai movido pelas influências burguesas, deixa claro suas pretensões de casar o filho com Virgília.

> *"-Todo homem público deve ser casado, interrompeu sentenciosamente meu pai. Mas seja como queres; estou por tudo; fico certo de que a vista fará fé! Demais, a noiva e o parlamento são a mesma coisa... isto é, não.. saberás depois... Vá; aceito a dilatação, contanto que..." "- Ah! Brejeiro! Contanto que não te deixes ficar aí inútil, obscuro, e triste; não gastei dinheiro, cuidados, empenhos, para te não ver brilhar, como deves, e te convém, e a todos nós; é preciso continuar o nosso nome, continuá-lo e ilustrá-lo ainda mais. Olha, estou com sessenta anos, mas se fosse necessário começar a vida nova, começava, sem hesitar um só minuto. Teme a obscuridade, Brás; foge do que é ínfimo. Olha que os homens valem por diferentes modos, e o que é mais seguro de todos é valer pela opinião dos outros homens. Não estragues as vantagens da tua posição, os teus meios..."* [59]

---

[58] Op. Cit. 4, p. 69.
[59] Op. Cit. 4, p. 60.

Diante dessas citações, ficou fortemente evidenciado que os caminhos percorridos pela personagem retratam fielmente o homem moderno, ambíguo e despido de qualquer caráter, se comparado com o da Antigüidade. Vejo também que as concepções burguesas do século passado ainda persistem até hoje, não desapareceram por completo do cenário nacional, temos bem diante de nossos olhos uma realidade constante: as trocas de favores, as impunidades parlamentares, o descaso com as questões sociais, que são retratos modernos de um mundo baseado em individualidades (particularidades), que foram tão bem retratados em B.C. por Machado de Assis.

Não perdendo de vista as semelhanças contidas em B.C. com o mundo burguês, percebi que o caráter sempre superior que o autor deu à sua personagem é uma constante na narrativa. Seu descaso com os menos favorecidos é a característica mais evidente em toda obra. Em alguns episódios eles chegaram a ser cruéis e desumanos. Um dos mais marcantes com certeza foi o episódio em relação à morte de Dona Plácida, uma vez que o narrador-personagem não demonstrou qualquer tipo de sentimento ou gratidão naquele momento. Através da ficção ficou caracterizado que o meio tornou a personagem despida de qualquer caráter ou sentimento nobre naquele momento.

Vale sempre ressaltar que a obra em análise retrata justamente as fraquezas humanas, e sendo assim não é fundamental ou importante dar ênfase a este ou aquele ato de extrema desumanidade contido na narrativa, e sim observá-la num todo, e deste partir para as particularidades, e por último observar quais os fatores que levaram os homens a agirem desta ou daquela forma. Vejo que tais atitudes não nos causam estranheza hoje, pois seu princípio teve como marco uma época em que o homem encontrou a tão sonhada "liberdade". A partir dessa postura e sentimento de vida que impregnou as atitudes humanas, o homem tornou-se desumano, ambíguo e sem bases sólidas que direcionasse seu caminho.

É sabido que Machado de Assis em muitos aspectos se distanciou dos seus contemporâneos em sua narrativa. Ele contou absurdos como se fossem verdade, sacrificou o eterno à novidade, desacatou a religião e também o leitor, *não esteja daí a torcer-me o nariz,* forçou o mesmo a um sobreaviso total, ou de máxima atenção, foi também muitas vezes indiferente ou melancólico. Fez do leitor um aliado ou inimigo em potencial, isso porque a influência dos clássicos muitas vezes deixou o leitor menos informado confuso. Foi volúvel, inconstante, cínico, indiscreto, charlatão. Em sua infância foi tudo o que aspira a supremacia, brincou de ser rei, ministro ou general, já adulto amou do seu jeito.

Para dar maior ênfase às idéias acima defendidas, busquei em Schwarz palavras que de forma muito próximas retratam as minhas em relação a este romance da modernidade por mim analisado.

> *"O movimento se completa no plano da forma, pela babel das modalidades literárias: trocam-se estilos, escolas, técnicas, gêneros, recurso gráficos, tudo comandado pelo mesmo afã de uma superioridade "qualquer". Assim, a narrativa passa do trivial ao metafísico, ou vice-versa, do estrito ao digressivo, da palavra ao sinal (o capítulo à moda shandyana, feito de pontinhos, exclamações e interrogações), da progressão cronológica à marcha-à-ré no tempo, do comercial ao bíblico, do épico ao intimista, do científico à charada, do neoclássico ao naturalista e ao chavão surrado etc. etc."* [60]

[60] Op. Cit. 7, p. 60.

Ao analisar B.C. no plano global, Schwarz observou que na sua composição a obra apresenta algumas dificuldades, pois há passagens que não funcionam *"(Salvo algum engano do crítico, nunca improvável)"*. Ele constatou em sua tese que num todo houve uma dose excessiva de malícia do narrador, isso fez com que a obra ficasse desproporcional com a realidade. Vendo por esse prisma ele assinalou que as outras personagens perderam de certa forma a "autonomia", ficaram sem contornos firmes ou vontades próprias, verdadeiros títeres segundo Schwarz.

No entanto, diante da minha proposta de análise, essa improbabilidade vista por Schwarz foi o caminho encontrado. Busquei ver através do narrador toda inconstância do homem moderno, seus vícios, suas paixões terrenas, seus anseios, seus caprichos, etc. etc. Fico então com a personificação de Adorno, citado por Schwarz. Essa teoria preconiza que *"quanto mais alto o nível, menos contingentes as fraquezas artísticas de uma obra"*. Estas possibilidades analisadas por Adorno me deram suporte para ver com mais clareza o que anteriormente já havia abordado. Pois, do meu ponto de vista, acredito que Machado de Assis usou as outras personagens como suporte, com o intuito de mostrar ao leitores toda supremacia que um pequeno grupo pode ter sobre uma sociedade. E por isso mesmo personificou em Brás Cubas o retrato fiel da sociedade burguesa.

Há um episódio em que se percebe com nitidez a supremacia do narrador diante das outras personagens. Estas, diante dos argumentos do narrador, se tornam vulneráveis e gratas sem um motivo aparente. Foi exatamente dessa forma que agiu Dona Plácida.

> *"Não fui ingrato; fiz-lhe um pecúlio de cinco contos, - os cinco contos achados em Botafogo, - como um pão para a velhice. D. Plácida agradeceu-me com lágrimas nos olhos, e nunca mais deixou de rezar por mim, todas as noites, diante de uma imagem da virgem, que tinha no quarto".* [61]

Adorno ainda acrescentou que para se fazer essa crítica social de Machado de Assis, requer uma dose de cautela, pois ele não vê como prejuízo em si os sinais esteticamente negativos, isso porque:

> *"Sem prejuízo do sinal esteticamente negativo, ela representa um fato cultural de peso, que requer interpretação por sua vez".* [62]

Schwarz não descarta a possibilidade vista por Adorno em relação à composição de B.C., tendo em vista a identificação de classe do narrador e também diante das relações sociais que o mesmo queria explicitar, pois os meios que o narrador usou permitiram que os elementos do romance, a primeira vista sem função estrutural aparente, quando agrupados passaram a delinear o percurso de B.C., uma vez que:

> *"A volubilidade de Brás Cubas, à primeira vista um recurso apenas literário, muda de feição quando examinamos de perto seu desempenho".*

---

[61] Op. Cit. 4, p. 102.
[62] Op. Cit. 7, p. 161.

Somando-se a isso encontramos também, *"a superioridade do morto sobre os vivos. Em vez de lhe acatar a explicação, preferimos tomá-la como uma provocação a mais, outra entre as mutas em que a posição de poder da personagem se traduz em técnica narrativa".* [63]

Na composição de B.C. ficaram evidente as influências estrangeiras que Machado de Assis teve. Influências estas que o autor nunca negou. Schwarz observou que a inconstância da personagem foi um dos empréstimos utilizados por ele com grande sucesso. Ele buscou em Tristam Shandy, de Sterne, a base sentimentalista da obra e imprimiu a essa influência suas peculiaridades. Dessa influência sterniana ele criou uma personagem com um espírito anti-social e melancólico. A melancolia da personagem esteve explícita em toda obra: na sua ida para Europa, na morte de sua mãe, no enterro do seu pai, e se tornou mais intensa no decorrer da narrativa, em especial na partida de Virgília. Foi quando ele percebeu que anos de dedicação terminaram com um contemplar mudo e silencioso.

"Eles lá iam, mar em fora, no espaço e no tempo, e eu ficava ali numa ponta de mesa, com meus quarenta e tantos anos, tão vadios e tão vazios; ficava-me para não os ver nunca mais, porque ela poderia tornar e tornou, mas o eflúvio da manhã quem é que o pediu ao crepúsculo da tarde?" [64]

É sabido que as influências estrangeiras, principalmente do humor inglês setencentista e o esteticismo oitocentista, de certa forma ficaram muitos evidentes na composição de B.C. Mas vale ressaltar que o autor imprimiu ao narrador posições ideológicas muito comprometedoras, e a partir destas permitiu que o momento histórico fosse visto de forma singular, captando assim na íntegra as extravagâncias da sociedade brasileira daquela época. Fica claro então que as fortes influências estrangeiras que teve o autor só lhe deram suporte para uma crítica social mais ampla, pois à elas ele imprimiu os vícios de uma época que segundo Araripe Jr. citado por Schwarz, retratou o passado colonial brasileiro que de tão injusto seria capaz de espantar o século seguinte.

Encontrei em Schwarz palavras que pactuam com as minhas sobre a composição de B.C. pois até hoje é um tema atual, mesmo tendo buscado no passado elementos para essa obra:

"Ao escrever um romance "do seu tempo e do seu país" com recursos do século anterior, Machado bloqueava a fusão romântica do indivíduo no coletivo e na tendência histórica, barbaridade moderna e regressiva explecitamente visada na crítica ao Humanitismo, para o qual a dor individual não existe". [65]

A partir da solução artística encontrada por Machado de Assis para compor B.C., na literatura nacional houve uma ruptura, poderíamos até classificá-la como o "antes" e o

[63] Op. Cit. 7, p. 162.
[64] Op. Cit. 4, p. 142.
[65] Op. Cit. 7, p. 195.

"depois". Ocorreram mudanças profundas, tanto na visão de mundo e também na postura do narrador diante das questões sociais do seu tempo. Os escritores árcades e românticos continuavam perdidos no tempo, talvez ainda impregnados pelo movimento de afirmação da nacionalidade, haviam atribuído às letras e a si mesmos uma visão romântica em torno do país. Eles retratavam a realidade local e as questões sociais de forma sonhadora e idealizada. Com B.C. houve uma ruptura, e esta não passou despercebida pelos escritores contemporâneos de Machado de Assis.

O célebre autor foi taxado pelos outros escritores de ser insensível às questões nacionais. José Veríssimo, citado por Schwarz, viu com pouca simpatia essa ruptura machadiana, ele salientou que:

> *"Nunca ele (Machado de Assis) escreveu por baixo de uma novela sua o habitual 'romance brasileiro' ". Apesar da admiração, o próprio Veríssimo quisera aqui e ali que Machado fosse mais natural, popular ou patriota, e menos crítico. Salvo engano, para além das restrições à pouca "simpatia", à escassez de "emoções superiores" e "exuberância (...) própria aos brasileiros."* [66]

Diante do meu propósito de análise e também de concepções históricas adquiridas em leituras de vários críticos, assinalo que não compactuo com a tese de José Veríssimo. Basta observar que ninguém mais do que Machado de Assis denunciou e criticou a burguesia repleta de privilégios em relação à classe dominada. Ele denunciou todo e qualquer tipo de submissão do ser humano , no entanto ele fez essa análise da sociedade usando a reflexão e a razão, e por isso mesmo muito se distanciou dos outros escritores.

Um dos problemas mais gritantes naquela época era a escravidão. Em B.C. há a denúncia de forma rigorosa, embora tenha feito isso a seu 'feitio', não aderindo em momento algum à forma emotiva de como era vista. Do romance em análise observei que essa denúncia a todo momento é feita. Para enxergá-la no entanto, faz-se necessário uma reflexão mais profunda, fugindo sempre da lente um tanto romântica de alguns críticos.

Veja a forma irônica que o narrador descreveu seu cunhado Cotrim, suas atitudes sempre capitalistas e o seu tratamento proferidos aos escravos.

> *"Reconheço que era um modelo. Argüiam-no de avareza, e cuido que tinha razão; mas avareza é apenas a exageração de uma virtude, e as virtudes devem ser como os orçamentos: melhor é o saldo que o deficit. Como era muito seco de maneiras tinha inimigos, que chegavam a acusá-lo de bárbaro. O único fato alegado neste particular era o de mandar com freqüência escravos ao calabouço, donde eles desciam a escorrer sangue; mas, além de que ele só mandava os perversos e os fujões, ocorre que, tendo longamente contrabandeado em escravos, habituara-se de certo modo ao trato um pouco mais duro que esse gênero de negócio requeria, e não se pode honestamente atribuir à índole original de um homem o que é puro efeito de relações sociais".* [67]

---

[66] Op. Cit. 7, p. 176.
[67] Op. Cit. 4, p. 150.

Usando a personagem como alvo principal de sua sátira, em B.C. , o narrador desvelou toda uma sociedade, sendo assim ele melhor do que ninguém fez tal denúncia. Para melhor interpretá-lo, uma vez que a personagem está camuflada na primeira pessoa do singular, cabe ao leitor mais perceptivo observar que o romance não retrata um ato de requintada franqueza, mas sim, de que o leitor está diante de uma denúncia devastadora da sociedade e dos seus homens ambiciosos. Vendo por esse prisma encontrei em Schwarz uma análise um tanto fecunda em relação aos críticos que interpretaram Machado de Assis, que do meu ponto de vista o fazem um tanto ingenuamente.

> *"A julgar pelas pelas reações da crítica, o disfarce prevaleceu quase inteiramente, o que não invalida a leitura social, embora faça refletir sobre a eficácia de uma forma enganosa. Como Stendhal, que sabia que sua literatura adiantada de cinqüenta anos, Machado escrevia para um público inexistente".*[68]

Em B.C. Machado de Assis retratou o cotidiano carioca, isso não quer dizer que também não estava fazendo uma alusão a todo país. Fez dessa obra ao mesmo tempo uma denúncia devastadora aos costumes da época, como também nos presenteou com uma literatura de alto nível, usando todo o seu conhecimento cultural. Ora citava, *"Aristóteles aqui, Santo Agostinho e Gregorovius ali, é a caricatura machadiana situação, ou ainda, a fixação de um seu aspecto apalhaçado que dura até hoje".*

Nesse romance convivem todos os segmentos que compõe a sociedade da tal chamada modernidade: o inventor charlatão, o cavalheiro esclarecido, um contrabandista flagelador (Cotrim), um narrador ilustrado, um quase- ministro (Lobo Neves), uma dama elegante, que só ama fora do casamento (Virgília). Haja modernidade! Ele fez tudo isso com um espantoso sucesso, pois à classe por ele desvelada lhe era familiar. Veja:

> *"Aí estava um escritor muito mais armado que seus contemporâneos e predecessores, e interessado aliás em assinalar isso mesmo".* [69]

Em última instância, pois pretendo mais uma vez salientar que o autor foi muitas vezes criticado por não retratar, ou permanecer indiferente às questões sociais do seu tempo, argumento que o escritor via preciosidades em lugares e coisas comuns, tinha uma visão universal do todo que o cercava, isto que dizer que sem sombra de dúvida ele era superior aos outros tanto na visão de mundo como na escrita. E tendo essa visão futurista é impossível não comparar o cotidiano que ele retratou com o nosso hoje. Tudo isso tendo com personagem principal o homem moderno e ambíguo.

> *"Aí estão os castigos de escravos, a religiosidade tradicional, as parentelas, o mandonismo etc. Ocorre que, tomados um a um e associados à presunção civilizada de algum protagonista, estes elementos lhe passam a fazer parte do foro interior, constituindo um problema, ou seja, o contrário da simples cor local. Aí o avanço: Machado superava o pitoresquismo dos antecessores através da*

[68] Op. Cit. 7, p. 178.
[69] Op. Cit. 7, p. 179.

interiorização, mas não lhes jogava fora a linhagem, e talvez possa dizer que a sublimasse, ou que se especializava no pitoresco de nossas questões de consciência. A crítica, marcada pela poetização romântica e patriótica do localismo, e notando a sua ausência na ficção machadiana, assinalou a preferência do Autor pelo universal". [70]

Ao final da narrativa de B.C., observei que ela ficou fortemente marcada pela melancolia, pelo tédio, pelo desgaste, pela desagregação e o nada. Essa conclusão ficou evidente a partir do capítulo CLX, "Das Negativas", quando a personagem-narradora faz uma retrospectiva de sua vida e vê que não foi nada, pois tantos seus interesses individuais ou sociais não foram alcançados. Veja:

"Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padeci a morte de Dona Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba. Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve míngua nem sobra, e conseguintemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lados do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: - Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria". [71]

Ao retratar de forma símile a sociedade do seu tempo com a nossa, foi possível dar sustentação para o propósito de análise que defendi. O último parágrafo, em especial: *-Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria.*, deixa claro que da eternidade, usou como recurso último, "nossa miséria", para assinalar toda frustração de ter vivido em um mundo capitalista, povoado por seres desumanos, vazios e despidos de qualquer caráter ou sentimentos nobres.

De todas as conclusões por mim concebidas no decorrer do ensaio monográfico, devo o embasamento teórico às leituras feitas e também a experiência de estar vivenciando uma época em que os homens propagam a tão sonhada *liberdade e consciência* conquistadas. Não perdendo de vista meu propósito de análise, o de investigar através da personagem-narradora, a personificação e a postura do sujeito em face de uma realidade concreta. (sociedade).

Em toda narrativa há indícios marcantes que descrevem com fidelidade, embora seja ficção, a postura pela qual é fundada o sujeito hoje: duvida da religião, ambíguo, materialista, individualista, iludido de que é livre e autônomo e por fim só.

Essa individualidade, que hoje serve como âncora, nos leva a agir como "loucos". Estamos sempre lutando por causas individuais e não coletivas. Isto nos leva a ser sujeitos com uma única direção e propícios para servir num todo o sistema vigente. E o mais cruel é que induzidos por essa utopia coletiva nem sempre percebemos que na verdade nos contaminamos com os propósitos deste.

No capítulo II, "O emplasto", pude fazer uma comparação entre a personagem-narradora e o sujeito hoje. Ambos com um único sentimento de vida, se comparados como: o ser individual e materialista. Veja:

---

[70] Op. Cit. 7, p. 183.
[71] Op. Cit. 4, p. 176.

"Essa idéia era nada menos que a invenção de um sentimento sublime, um emplasto anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade" (...) "chamei a atenção do governo para esse resultado, verdadeiramente cristão" (...) "o que me influiu principalmente foi o gosto de ver impressos nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas, e enfim nas caixinhas do remédio, estas três palavras: Emplasto Brás Cubas. Para que negá-lo?". (...) "De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada. Digamos: - amor da glória".[72]

[72] Op. Cit. 4, p. 19.

Campus ... Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Considerações Finais

Toda a narrativa de B.C. foi desenvolvida a partir das *memórias* de um defunto autor. Tais lembranças terrenas o levaram a conceber que somente do outro lado da vida é que se pode ser *livre* realmente. O sujeito quem nos perturba do começo ao fim da narrativa tem, além da liberdade, tem a seu favor outro ponto fortíssimo de convencimento em sua fala, pois toda ela é narrada na primeira pessoa.

Nesse mundo fictício convivemos com uma personagem que abusa deliberadamente de sua posição privilegiada. Usando dessa posição confortável se vê livre para desvelar toda insatisfação humana no decorrer de sua vida. Nessa leitura deparei-me com questionamentos que fazemos constantemente em nossos cotidiano, mas questioná-los seria o mesmo que questionar o *sistema*, que é forte como um *leão*, e seria por fim uma luta solitária, um mal desnecessário.

A narrativa começa pelo fim (com a morte da personagem-narradora), sendo assim Brás Cubas é livre para criticar as verdades sociais. Usa toda ironia como refúgio para mascarar uma história de vida em que *tudo tentou e nada realizou.* A personagem- narradora tornou-se um sujeito despido de amor, de caráter e mesmo estando do outro lado da vida não consegue se desprender da vida material. Não seria assim também nossas verdades? Nossas concepções em torno da vida?

Aqui e ali Machado de Assis vai nos presenteando com certas verdades que ficam guardadas, ou quase escondidas no interior da nossa alma. É a solidão que se instalou de forma cruel e definitiva ao nos declararmos como sujeitos *individuais*, alheios a qualquer tipo de sentimento nobre ou solidário.

Essa *solidão* está deliberadamente na composição de B.C. Isso é perceptível ser lermos nas entrelinhas ou desconfiadamente, pois toda narrativa é inventada, de mentira. E através dela vemos desvelado nossos fracassos humanos e nossas desilusões. Não estaria Machado de Assis, através da sua narrativa nos dizendo verdades? Dando-nos piparotes? Na sua posição ele se tornou um sujeito livre, aquele que podia dizer o que sentia sem punição.

Brás Cubas representa enfim, o protótipo do homem moderno, uma vez que ele acredita ser livre, desprendido da vida familiar e não acreditando em instituições, como por exemplo, o casamento. Isso ficou evidente no capítulo CLII, "A moeda de vespasiano", quando no enterro de Lobo Neves, Virgília então a esposa representa com dignidade a *sua verdade* estabelecida socialmente, pois:

> "Virgília *traíra o marido, com sinceridade, e agora chorava-o com sinceridade". (...) "suspeitei que a combinação era possível".*[73]

Nesse episódio vemos que rumo tomou as instituições sociais, que para o sujeito da modernidade o casamento é apregoado como inviolável e inabalável. Para Virgília não houve

[73] Op. Cit. 4, p. 170 e 171.

outra saída, agiu *livremente*, ora traindo o marido, ora chorando copiosamente com exige a sociedade.

Em outro episódio narrado no capítulo XXXI, "A borboleta preta", a personagem-narradora avalia no seu íntimo, onde o ser humano as vezes é realmente *livre*, simultaneamente seu apego e o seu desprezo pela sociedade. Veja:

> *"Suponho que nunca tenha visto um homem; não sabia, portanto, o que era o homem" (...) "e viu que me movia, que tinha olhos, braços, pernas, um ar divino, uma estatura colossal. Então disse consigo: " Este é provavelmente o inventor das borboletas". (...) "Não lhe valeu a imensidade azul, nem a alegria das flores, nem a pompa das folhas verdes, contra uma toalha de rosto, dois palmos de linho cru. Vejam como é bom ser superior às borboletas!"*[74]

Na verdade, ao fazer uma reflexão em torno desse episódio verifiquei que o sujeito, na maioria das vezes até nega o seu apego às pequenas causas, mas no íntimo não tem como negá-las. Por outro lado, ao mesmo tempo que nega, faz parte dela. Mas é sempre bom lembrar e não perder de vista que: o sujeito é história, é conseqüência, é registro, e por fim é fruto do que preconiza como verdade social, age como pede o *sistema*, de modo alienado.

Observei três aspectos que foram fundamentais para a elaboração de B. C.. O primeiro se baseou nas possibilidades que o pai da personagem-narradora imaginava como sendo um futuro grandioso para o filho: nascimento nobre, infância livre e solta, juventude inconseqüente e os anos de estudos em Portugal.

No segundo plano está centrada toda ironia que Brás Cubas desfere aos outros sujeitos por se sentir superior. E por último vem gradativamente a profunda melancolia de ver seus sonhos sendo desfeitos. Tendo traçado esses paralelos, vi muita semelhança entre ficção e realidade, pois através da personificação da personagem ficou retratado de forma símile o sujeito da modernidade. Veja:

Quando Virgília lhe faz uma visita, *"Anda visitando os defuntos?"*. Ao ser abandonado por Marcela, *"Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos"*. Ao falar da liberdade de estar morto, *"Mas, na morte, que diferença! Que desaba! Que liberdade!"*. No seu reencontro com Quincas Borba, "- *Não vá sem eu lhe ensinar a minha filosofia da miséria, disse ele, escarranchando-se diante de mim"*. Ao se referir das vantagens de estar morto, *"Esta é a grande vantagem da morte, que, se não deixa boca para rir, também não nos deixa olhos para chorar..."*. Sobre a velhice, *"A velhice ridícula é, porventura, a mais triste e derradeira surpresa da natureza humana"*.[75]

Através destas citações procurei mostrar um sujeito da ficção contrapondo com o da realidade moderna, vivendo num mundo permeado por ilusões e um ser totalmente ambíguo e cínico.

Na seqüência vi que a personagem-narradora mostrou mais uma vez que no decorrer dos anos nos tornamos sujeitos melancólicos, desgastados e desprovidos de qualquer ilusão em relação aos nossos sonhos. Veja:

Na morte de sua mãe, *"Que bom é estar triste e não dizer coisa nenhuma!*. Quando perde seu pai, *"Morreu sem lhe poder valer a ciência dos médicos, nem o nosso amor, nem os cuidados, que foram muitos, nem coisa nenhuma; tinha de morrer, morreu."*. Ao dizer adeus a seu pai, (...) *"um a um... Isto que parece um simples inventário, eram notas que eu havia tomado para um capitulo triste e vulgar que não escrevo"*. A última visão que ele tem de

---

[74] Op. Cit. 4, p. 63.
[75] Op. Cit. 4, p. 23, 44, 55, 91, 103 e 113.

Virgília, *"- a ruga da desconfiança,- enfim o nariz pálido e sonolento da sociedade..."*. Ao avaliar sua vida, *"Morriam uns, nasciam outros: eu continuava às moscas". (...) "Guarda as tuas cartas da juventude"*.[76]

Ao final, chego também ao fechamento da minhas "negativas", pois após tantas leituras, argumentos ou silêncios profundos, vi a responsabilidade de estar analisando uma obra que já foi profundamente discutida e muitas vezes criticada. Com tanta responsabilidade, mas ao mesmo tempo com a certeza de que para mim foi um trabalho fecundo, espero somente não tê-lo interpretado de forma a deixá-lo rindo de mim na eternidade.

[76] Op. Cit. 4, p. 56, 70, 75, 76, 128, 142 e 143.

Campus · niversi...o de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Referência Bibliográfica

ASSIS, Machado de. "Memórias Póstumas de Brás Cubas". Série Bom Livro. 25ª ed. São Paulo; Ática, 1998.

BOSI, Alfredo. "História concisa da literatura brasileira". 35ª ed. Revista aumentada, São Paulo: Cultrix, 1994.

BENJAMIN, Walter. "Magia e técnica, arte e política". Ensaios sobre literatura e História da Cultura, 7ª ed. São Paulo. SP. V. I.

CANDDIDO, Antonio. "Vários escritos". São Paulo: Companhia das letras, 1997.

GLEDSON, John. "Machado de Assis: ficção e história". Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. "Os princípios da filosofia ditos a Monadologia. Abril Cultural, 1979.

PAZ, Octavio. "O Arco e a Lira". Rio de Janeiro, RJ. Editora Nova fronteira, 1992.

PEREIRA, Lucia Miguel. "História da Literatura: prosa e ficção de 1870 a 1920". 3ª Ed. Rio de Janeiro: livraria José Olimpio – Editora – Instituto Nacional do Livro MEC, 1973.

SCHWARZ, Roberto. "Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis". 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

SCHWARZ, Roberto. "Que horas são?" São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SÓFOCLES, "A trilogia Tebana". Tradução de Mário da Gama Cury, 8ª ed. Rio de Janeiro, RJ, Jorge Zahar Editor, 1989.

VIRGÍLIO, "Eneida". Tradução, textos introdutórios e notas de Tassilo Orpheu Spalding, Círculo do Livro, 1994.